

**“SER UNA PERSONA MÁS ABIERTA”:
SEXUALIDADES, TEMPO E A CONSTRUÇÃO DA PESSOA ENTRE JOVENS
LATINO-AMERICANOS/AS EM BELO HORIZONTE (MG)**

***“Ser una persona más abierta”: sexualities, time and person’s construction
among Latin American youth in Belo Horizonte (MG)***

Antonio Augusto Oliveira Gonçalves
Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil.
Email: antonioaogoncalves@gmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 328-358, jan./jun. 2020

ISSN 2447-9837

RESUMO:

Neste relato etnográfico sobre as experiências afetivo-sexuais de universitários/as intercambistas em Belo Horizonte (MG), situo o contexto de residência desses sujeitos nas moradias da UFMG, apontando para alguns desafios metodológicos nas observações e entrevistas realizadas. O intercâmbio, além de se desenrolar em um espaço desconhecido, longe de casa, redesenha as noções de tempo e de pessoa como um todo. A vida passa em uma cadência outra, que coloca "entre parênteses" a própria temporalidade. Posicionados em um "tempo estranho", os/as estudantes latino-americanos/as tendem a se individualizar devido a um conjunto de circunstâncias vivenciadas durante a estadia de seis meses no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE:

Intercâmbio acadêmico. Troca de favores. Temporalidade. Individualização.

ABSTRACT:

Based on the affective and sexual experiences of undergraduate exchange students in Belo Horizonte (MG), this ethnographic report situates the context of residence of these individuals in UFMG dwellings, pointing to some methodological challenges in the observations and interviews carried out. The exchange, besides taking place in an unknown space, far from home, redesigns the notions of time and person itself. Life takes place in another pace that poses its own temporality "in brackets". Positioned in a "strange time", Latin American students tend to individualize themselves due to a set of circumstances experienced during their six-month stay in Brazil.

KEYWORDS:

Academic exchange. Favor exchange. Temporality. Individualization.



CONTEXTO ETNOGRÁFICO¹

[...] aprendi o quanto esses breves relances de uma cidade, de uma região ou de uma cultura, exercem utilmente a atenção e, por vezes, permitem inclusive – devido à intensa concentração que se faz necessária pelo instante tão curto de que dispomos – aprender certas propriedades do objeto [ou melhor, dos sujeitos] que poderiam, em outras circunstâncias, manter-se escondidas por muito tempo. (LÉVI-STRAUSS, 1996, p. 60).

Neste texto, a partir das experiências afetivo-sexuais dos/as intercambistas em Belo Horizonte (MG), descrevo alguns desafios etnográficos e as diferentes práticas a que tive de recorrer nas observações e entrevistas. O intercâmbio se desenrola num espaço desconhecido, longe de casa, mas também reestrutura as noções de tempo e de pessoa como um todo. A vida passa em um ritmo diverso, que coloca “entre parênteses” a própria temporalidade. Vivenciando um “tempo estranho”, veremos que esses sujeitos tendem a se individualizar, devido a um conjunto de circunstâncias relacionadas à estadia de seis meses no Brasil e que abordaremos neste artigo.

Os sujeitos em questão são estudantes estrangeiros/as em intercâmbio acadêmico na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), provenientes de países da América do Sul. Devido aos acordos bilaterais com as universidades latino-americanas, alguns viviam nas moradias universitárias da UFMG. Nas primeiras incursões de campo, o local de residência parecia tão somente um entre muitos elementos empíricos possíveis para compreender suas trajetórias afetivo-sexuais em Belo Horizonte. Essas experiências incluíam, além de outros aspectos, variáveis como: gênero, etnia/nacionalidade, tempo de participação em processos migratórios, idade e histórias de vida.

Entretanto, na medida em que avancei nas observações e nas entrevistas, tornou-se evidente a centralidade que as moradias da UFMG detinham nos relacionamentos sociais dos/as intercambistas: era a partir daquele microcosmo que a maioria deles/as tecia contatos, fazia amizades e se relacionava sexualmente – de tal modo que alguns e algumas se viam inscritos/as em uma “economia política do sexo”².

Nessa “economia”, os/as intercambistas se envolviam em trocas de objetos e favores com os/as moradores/as brasileiros/as: trocavam entre si colchões, chaves; pas-

¹ Agradeço aos apontamentos e correções dos/as pareceristas e revisores da *Áltera* (UFPB).

² Gayle Rubin (1986) propõe esta expressão para salientar que as atividades sociais e políticas não estão desvinculadas do exercício da sexualidade.



savam informes de quartos recém-desocupados para o pernoite de algum/a visitante. A estreiteza dos vínculos entre eles/as não se explicava apenas em termos de afinidades e círculos de relações, mas também repercutia arranjos mais estruturais, como por exemplo nas políticas da instituição responsável pela administração das moradias da UFMG – Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP) –, na disposição arquitetônica dos blocos e no sistema de vigilância nas portarias.

Os/as intercambistas, na qualidade de recém-admitidos/as, tinham um tratamento mais restritivo nas portarias, uma vez que não podiam receber visitas após as 22 horas e nem estavam autorizados/as a hospedar alguém durante a noite. Já entre os/as internos/as de longa admissão – i.e., os/as residentes nacionais – imperava até então uma “diplomacia do fingimento” (GASPAR-NETO, 2014): os/as moradores/as brasileiros/as navegavam nos labirintos dos preceitos regulamentares e até mesmo zombeteavam deles em certos momentos; os/as porteiros/as podiam criar dificuldades para admitir a entrada de um/a visitante, mas ao final ele/a passaria noites a fio ali hospedado/a, com pouca ou quase nenhuma intervenção dos/as funcionários/as³.

Se as experiências afetivo-sexuais dos/as intercambistas dependiam, por um lado, dessa entrelaçada organização social que forjaram em conjunto com os/as demais residentes, por outro, ambos/as tinham que realizar suas trocas de objetos e favores levando em consideração a arquitetura do lugar. As duas unidades do complexo de moradias da UFMG se arranjam espacialmente de forma semelhante a um claustro: os blocos estão ladeados e compõem três traços retilíneos imaginários que combinados entre si formam um retângulo, cujo ponto médio ora se localiza o prédio da Administração na unidade I (MOP I), ora uma praça na unidade II (MOP II).

A maioria dos blocos está exposta, portanto, à visibilidade dos outros. Não há *medianeras*⁴ nos prédios e eles comportam uma estrutura residencial vazada dos dois lados, seja por vidros transparentes e basculantes à altura do parapeito num flanco, seja por janelas e sacadas em outro – similar à torre panóptica de Foucault (2010). O

³ Esse quadro atualmente passa por transformações políticas. Desde 2011, a FUMP tenta implementar uma norma que proíba os pernoites dos/as visitantes ou ao menos regulamente um parâmetro máximo para a estadia deles/as nas moradias.

⁴ Extensas construções em um dos lados dos edifícios em que não há janelas ou varandas, figuram no seu lugar *outdoores*, propagandas, espaços lisos sem reentrância para a socialidade possível, mas nem sempre viável dos *halls* e corredores entre os apartamentos de um prédio residencial, por exemplo.



que não é visto nesse grande pátio interno, pode ser observado através das rondas externas dos/as porteiros/as, contornando os blocos a partir das passagens para o estacionamento ou, quem sabe, percorrendo o retângulo de uma ponta a outra. Nesse momento, são as sacadas que se tornam conspícuas, enquanto as janelas e as portas, no lado interno do claustro, auxiliam os passos airosos do/a vigilante no estacionamento.

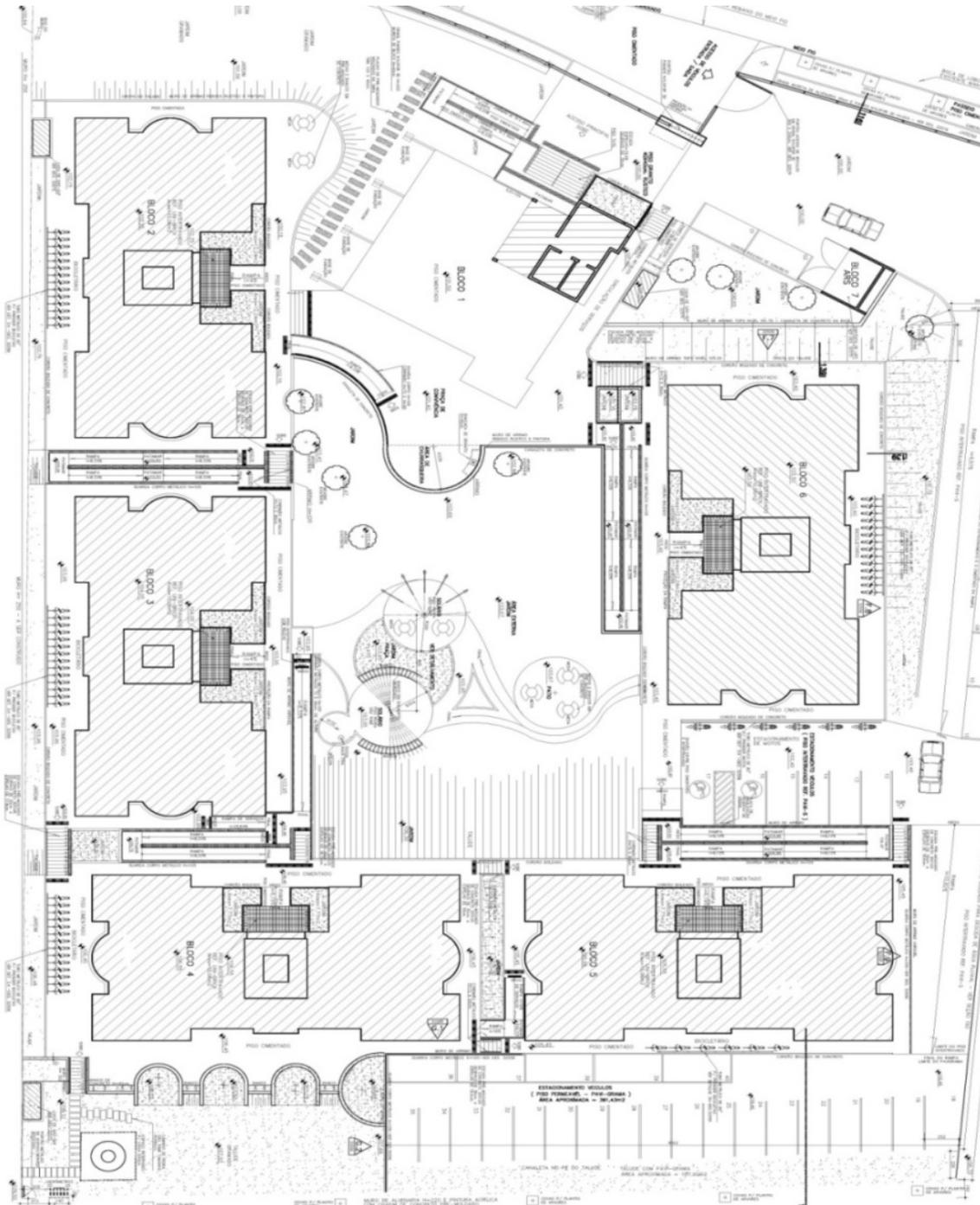


Imagem 1 - Planta Moradia Universitária Ouro Preto II (MOP II)

Fonte: DMAE/UFMG, 2016.

Pelas descrições e pela imagem, pode-se averiguar a existência de um dispositivo panóptico e disciplinar (FOUCAULT, 2010) nas moradias da UFMG – que era burlado em algumas práticas. Por exemplo, para que os encontros íntimos dos/as intercambistas fossem possíveis, eles/as necessitavam do auxílio dos/as moradores para fornecer os seus nomes nas portarias; assim os/as visitantes dos/as intercambistas poderiam pernoitar nos quartos. Além disso, um/a morador/a eventualmente emprestava seu dormitório a um/a intercambista quando estivesse numa viagem, aquiescendo o trânsito de chaves e/ou colchões entre os blocos. Essa troca de objetos, acrescida à permuta de nomes de moradores/as e intercambistas nas MOP I e II, implicavam, tal como propõe Marcel Mauss (2003a) em *Ensaio sobre a dádiva*, a mistura dos espíritos nas coisas e das coisas nos espíritos. As almas se reificam e o espectro reificado sobrepuja a sua realização empírica para representar vínculos espirituais entre pessoas e grupos.

As trocas de dádivas entre os/as residentes permitiam que as experiências afetivas dos/as estudantes estrangeiros/as fossem vivenciadas num espaço esquadrihado pela disciplina, ao mesmo tempo em que produzia uma “cascata de pequenos vínculos sociais” (LÉVI-STRAUSS, 1976, p. 99), expressa na circulação de chaves, nomes, colchões e empréstimos de quartos. Isso corresponde, de alguma maneira, ao domínio dos dons recíprocos, no qual alguém se sente à vontade para pedir, ficando um/a segundo/a obrigado/a a emprestar — relação que se verifica, em ambas as direções, sempre para além do que fora pedido e emprestado (LÉVI-STRAUSS, 1976).

Por outras palavras, através da socialidade nas moradias, os/as intercambistas construíram uma trama de vínculos e interdependências (ELIAS, 1994), de tal modo que o ato sexual entre duas pessoas no quarto da MOP quase sempre envolvia relações sociais mais amplas com demais moradores/as, num intrincado sistema de trocas, trânsito espiritual e reciprocidade ao qual a dádiva se enleava.

Ao longo deste relato etnográfico, tento amarrar justamente essas diferentes práticas que não se fragmentam na lógica relacional de meus interlocutores e minhas interlocutoras: sexualidade, troca de favores nas moradias, tempo do intercâmbio e processos de individualização.



BARES, JOGOS DE CARTAS E AS MORADIAS

Antes da imersão etnográfica nas moradias da UFMG, a proposta metodológica inicial, pautada na técnica da “observação flutuante” de Pétonnet (2008)⁵, fez-me transitar por diferentes espaços e buscar interlocutores/as de pesquisa em círculos sociais que nem sempre estavam aproximados entre si.

A princípio, realizei as primeiras incursões em locais frequentados pelos/as estudantes latino-americanos/as, alunos/as regulares da UFMG, vinculados/as ao Programa Estudante-Convênio de Graduação e de Pós-Graduação (PEC-G/PEC-PG)⁶. Geralmente, eles/as transitavam pelas festas e atividades realizadas no Campus Pampulha da UFMG; participavam, por exemplo, dos saraus na Escola de Belas Artes e das danças de forró todas as quintas-feiras no picadeiro da Praça de Serviços, além de frequentarem os bares no entorno do campus. Nessas andanças, passei a ir, de modo recorrente, aos estabelecimentos localizados em frente à portaria da UFMG, na Avenida Antônio Carlos – um pequeno trecho contíguo de comércios, por onde circulam jovens universitários/as na região da Pampulha.

Ali, entre o Bar dos Amigos e a Espetolândia, formava-se, por vezes, um magote de estudantes, que se acotovelavam entre si, bebiam cervejas e fumavam, enquanto os/as transeuntes se aventuravam em meio ao constante trânsito de veículos, percorrendo o lancil da Avenida Antônio Carlos. Nesses bares, realizei as primeiras “flutuações” de campo, que se traduziam tanto no flunar pelos lugares, acompanhando os/as estudantes latino-americanos/as, quanto nas deambulações dentro de um idêntico espaço. Por vezes, eu simplesmente mudava de posição na mesa para ter contato com as pessoas sentadas na outra ponta:

Para não ficar no meio da conversa de Ricardo e Dolores, resolvi sentar-me no outro extremo entre Celeste e Ernesto. Juan chegou e ocupou o lugar

⁵ A observação flutuante consiste em não focar a atenção em um determinado objeto, deixar-se flutuar pela cena “de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos a descobrir as regras subjacentes” (PÉTONNET, 2008, p. 102).

⁶ Os/as estudantes estrangeiros/as vinculados/as ao PEC-G e PEC-PG são alunos/as regulares e permanecem, em média, de dois a seis anos no país, uma vez que cursam toda a graduação, mestrado e/ou doutorado na UFMG. Já os/as intercambistas, em razão dos convênios, residem em Belo Horizonte por, no máximo, um ano.



que estava até então, entre Celeste e Manoel. Não passou muito tempo, um trio, de uma garota e dois rapazes, apontou do lado de fora e gritaram o nome de Juan. Tratava-se de Bárbara, Jorge e um estudante estadunidense. Bárbara trazia à mão uma garrafa de Selva e alguns copos e se direcionou a Celeste e, falando em espanhol, apresentou Jorge a ela, de tal modo que ele não podia perceber o conteúdo da conversa, disse: “*sino te lo cojes tú, me lo cojo yo*”, Celeste riu-se e respondeu “*vas tú, pero te rifas cabrona*” (Diário de campo, 5 de novembro de 2015)⁷.

No começo, como não sabia ao certo que dados seriam relevantes, afinal ainda não havia definido o escopo da pesquisa, ia vez ou outra ao banheiro para fazer apressadamente anotações ou desenhar croquis dos locais. Nessas andanças primevas, a minha pouca fluência no espanhol influía de várias formas nos registros etnográficos, uma vez que não podia acompanhar as conversas que entremeavam diferentes dialetos e sotaques, tampouco me arriscava a fazer perguntas no idioma. Nas idas aos bares, muitas vezes, ficava abeirado a alguns conhecidos falantes do português, aos quais eu me dirigia vez ou outra para sair do meu silêncio.

Percebi, então, que era fundamental melhorar minha fluência na língua espanhola para fazer anotações mais precisas e driblar a distância simbólica entre mim e os/as interlocutores/as. No final das contas, de certa forma, eu era o observador “estrangeiro”, tentando me aproximar desses/as estudantes. Falar em português produzia uma dinâmica “eu-eles”, o que poderia conceber um “falso outro” e anuviar certas complexidades ao longo do trabalho de campo (GREEN, 2000).

Arrisquei-me, então, a falar em espanhol nas primeiras trocas de palavras com meus/minhas colaboradores/as, que, ante minhas dificuldades, respondiam em português. Também me aproveitava dos diálogos alheios para me acostumar com a sonoridade das palavras e as diversas formas de pronunciá-las. Além disso, passei a ver filmes de Pedro Almodóvar, Juan José de Campanella, Lucrecia Martel, Marco Berger, entre outros. Quando não estava na biblioteca ou nos bares da Antônio Carlos, em meus momentos de distração, escutava um vasto repertório de cantores/as latino-americanos/as, de Silvio Rodríguez a “Calle 13”, trio porto-riquenho que me fora apresentado pelas pessoas que conheci em campo. Após alguns meses, já transitava entre estudantes latino-americanos/as em distintos circuitos, mas quase todos com

⁷ Todos os nomes citados nas notas de campo e nas entrevistas são fictícios.



alguma ligação à UFMG. Por vezes, assistia a shows do lado de fora do Estádio Mineirão com os amigos de Celeste, descia a Avenida Abraão Caram e me encontrava com a turma de Juan na Espetolândia.

Seguindo os preceitos da observação flutuante, busquei integrar-me em diferentes universos de socialidade estudantil entre os/as latino-americanos/as. Inscrevi-me no Programa de Apadrinhamento da DRI (Diretoria de Relações Internacionais/UFMG), no qual um/a estudante regular da UFMG se oferece para acompanhar um/a intercambista durante a sua estada em Belo Horizonte. Em virtude disso, consegui manter alguns contatos com os/as intercambistas. Esporadicamente frequentava as festas das moradias, ainda na primavera de 2015.

Nesse mesmo período, Ernesto e Juan me chamaram para juntar-me a eles em um grupo de jogadores de cartas que se reunia semanalmente. Nós três nos encontrávamos quase todas as terças-feiras com Aureliano e Mathias para jogarmos. Pensei ser esta uma boa ocasião para estar com eles, escutar um pouco de suas histórias e de seus encontros afetivos. Entretanto, nas primeiras vezes, nos perdíamos nas regras do jogo e, quase literalmente, nos embaralhávamos em meio a interpretações díspares quanto aos lances, as *rondas*, e a quem daria o seguimento às jogadas. À medida que nos familiarizamos uns com outros, as conversas fluíram sem tantas confusões hermenêuticas. Eles chegaram, inclusive, a dar um nome para o grupo: *Los Carteros*. Segui vendo-os mesmo quando já havia circunscrito o campo nas moradias.

Além dos intercambistas que apadrinhei pela DRI, das reuniões semanais com *Los Carteros* e das idas aos bares na Av. Antônio Carlos, participei de viagens e excursões organizadas pela UFMG para receber os/as estudantes estrangeiros/as ingressantes. Relendo meus “descaminhos” de pesquisa, diria que, até esse momento, estava vinculado a diversos grupos, mas ainda não centrara minha atenção em nenhum deles. Em uma dessas “flutuações”, fui ao Cabral’s Bar com os/as colegas de Maica, também minha afilhada, e lá encontrei Zoe, que sussurrou em meu ouvido: “*hey que se pasa contigo que no tienes amigos brasileiros?*”. A pergunta me fez perceber que eu próprio era uma das subjetividades em campo, eu era notado pelos demais. Apesar de, nesse momento, já ter mais fluência no espanhol, não podia abandonar meu “eu” nas utópicas pretensões de imergir em diversos círculos de socialidade. A indagação



de Zoe, a seu modo, marcava uma distância entre eu e meus/as interlocutores/as e produzia um estranhamento: “por que ele só anda com estrangeiros?”.

Efetivamente, nas aventuras de etnógrafo, eu afetava o desenrolar das cenas, inconscientemente ou não. Ao mesmo tempo, eu não me tornava o “outro”; mas, ao estar com eles/as, podia experimentar outra condição de ser (DIAS, 2006). Algumas vezes os/as próprios/as brasileiros/as na Espetolândia e no Cabral’s Bar pensavam que eu fosse colombiano ou que tivesse emigrado da Bolívia, talvez pelo fato de, quase sempre, estar em companhia dos/as estudantes latino-americanos/as, ou, quem sabe, porque eu não falava o português “da capital”. Destarte, tornei-me “estrangeiro” tanto para as pessoas que se deparavam comigo nos bares, quanto para os/as colaboradores/as de pesquisa.

As diferenças se exprimiam por diversas maneiras. Com o tempo, percebi que havia distâncias mais ou menos marcadas entre os grupos em que transitei até então. Em uma circunstância no Studio Bar, localizado no centro da cidade, tomei nota da seguinte cena:

Ao voltar para pista de dança, notei que enquanto Maica, Ernesto, Casandra, Iyexa, Celeste, Jimeno e eu estávamos espremidos num canto, tentando formar um círculo, havia uma segunda roda de estudantes estrangeiros, aparentemente quase todos eram das moradias da UFMG. Apesar de existir pontos de relação entre elas, através dos cumprimentos de Casandra e Ernesto, pude ver ali a formação de dois grupos dispostos na pista tal como círculos concêntricos: um de estudantes da pós-graduação residentes nas cercanias do Campus Pampulha da UFMG e outro composto por estudantes intercambistas que viviam nas moradias. Dois grupos separados e distinguidos pela mesma ocasião. (Diário de campo, 8 de abril de 2016).

Algumas pessoas já haviam sinalizado ser particularmente difícil acessar os/as intercambistas residentes nas moradias, por comporem um grupo fechado, reservado, mantendo por exemplo um grupo de WhatsApp próprio. Eles/as iam quase sempre juntos/as para as aulas de português e em poucas ocasiões interagem com pessoas de fora das moradias. Isto é, foi o que ouvi a partir de relatos de outrem, referindo-se a eles/as. Depois da noite no Studio Bar, resolvi então frequentar mais continuamente as festas das moradias. Até cogitei, depois de alguns contatos, residir por um ou dois meses ali; entretanto, por várias razões, isso não foi possível.

Em meados de abril de 2016, quando decidi por centrar o campo nas mora-



dias da UFMG, o fazer etnográfico principiou em meio às manifestações dos/as moradores/as e intercambistas contra a mudança do regimento proposta pela Fundação Universitária Mendes Pimentel (FUMP). Essa instituição privada, administradora do Complexo de Moradias Ouro Preto (MOP I e II), em nome da UFMG, pretendia alterar as alíneas regimentais de modo a proibir os pernoites de visitas e estipular um horário para a entrada de externos/as (visitantes) nas moradias.

Em uma leitura *a posteriori*, diria que, se estivera “flutuando” entre os bares na Antônio Carlos, as noitadas de jogatina com *Los Carteros* e as excursões da DRI, a partir do momento em que foquei minha atenção nos/as intercambistas residentes nas moradias, realizei, daí em diante, uma observação etnográfica dessas espacialidades (um tanto circunscritas nas MOP I e II) e dos/as seus/suas frequentadores/as, fossem eles/as, moradores/as brasileiros/as, estudantes em intercâmbio, ou visitantes. O meu mergulho de campo foi, em certo sentido, uma estada nas moradias:

Talvez essa seja a mensagem implícita no mergulho em campo: não resistir ao contato com o outro, não impor de antemão conceitos pré-estruturados ou lançar olhares esquadrihadores em busca de explicações totalizadoras. Isso não significa tornar-se o outro, mas permitir ser atingido por ele e, de certa forma possibilitar sua “entrada” como realmente uma espécie de estada no local. (DIAS, 2006, p. 65-66).

Permanecia de 2 a 5 horas nas festas, e, por vezes, pernoitava nas MOP I ou II, devido à inexistência de ônibus de madrugada no Bairro Ouro Preto, além da pouca disponibilidade de táxis. Nessas estadas efêmeras, participei do cotidiano dos/as residentes e fui “afetado” (FAVRET-SAADA, 2005) por eles/as, de diversas maneiras. Foi quando percebi o quanto as regras impostas pela FUMP e o controle da entrada de visitantes nas portarias limitavam o exercício de sua sexualidade.

Para Favret-Saada, aceitar ser afetado não equivale a imbricar-se num exercício empático em relação ao Outro. Empatia, aqui, tomada no seu duplo sentido: enquanto comunhão/fusão de subjetividades; e como um regime de alteridade fixo, em que o Outro, por não ser o/a etnógrafo/a, entreabre uma estrutura possível de estar lá, de imaginar-se em seu lugar. A antropóloga francesa se posiciona contra essas duas acepções de empatia, já que “ser afetado” não é representar o lugar do Outro, mas embrenhar-se em modalidades de comunicação não exatamente verbais, volun-



tárias ou significáveis. Entendo que fui afetado, pois assumi "o risco de ver [meu] projeto de conhecimento se desfazer" (FAVRET-SAADA, 2005, p. 160). Na próxima seção deixarei isso mais evidente.

ETNOCENTRISMOS VERBAIS: DESCONCERTOS ETNOGRÁFICOS NAS ENTREVISTAS

Tal como sinalizei anteriormente, das flutuações até a observação etnográfica detida no universo das moradias, passei por uns tantos lugares e pessoas em Belo Horizonte (MG). No decurso de quase um ano de pesquisa, minha rede de conhecidos/as se ampliava. Entre um lugar e outro, pude manter conversas informais, fazer observações e buscar possíveis interlocutores/as para as entrevistas. Quando passei a ir com mais frequência às moradias, no Bairro Ouro Preto, já havia realizado algumas entrevistas com estudantes da pós-graduação. Contudo, em razão do meu recorte *a posteriori*, considerarei neste texto, a título de análise, apenas os relatos de intercambistas residentes nas moradias da UFMG.

Mesmo tratando-se de um trabalho de pesquisa etnográfico e contextual, não custa apontar alguns dados preliminares que fornecem subsídios para as interpretações formuladas ao longo do relato. Das 21 entrevistas, transcrevi e analisei onze delas, sendo duas com funcionários/as da UFMG e da FUMP, respectivamente, e nove com universitários/as intercambistas com idades entre 21 e 25 anos. Destes/as, sete são provenientes da Argentina, um do Chile e um do Paraguai.

Remeter a esses números é mais do que uma mera contagem.

A distribuição das proveniências nacionais enseja algumas aventuras analíticas por um lado, mas pode debandar em porosidades em outros, os quais requerem certa cautela na construção das análises possíveis. Partindo do escopo das nacionalidades, note-se que até mesmo naquele que pode ser considerado um grupo majoritário e menos diverso, composto pelos/as intercambistas argentinos/as, há diferenças em termos de trajetórias e ideias mobilizadas em suas narrativas. Esses/as intercambistas advêm de distintas cidades da Argentina, algumas situadas em províncias no centro do país; outras, nas porções de terra mais ao norte, nas cercanias da fronteira com o Paraguai. Há também aqueles/as que nasceram e se criaram na região do Nuevo Cuyo



argentino, *vacacionando* mais em cidades turísticas chilenas do que em Bariloche ou Mar del Plata, por exemplo.

As variações geográficas provavelmente influem nas categorias que esses sujeitos usam para interpretar suas experiências sexuais ou conceber um eixo de classificação moral de seus/suas parceiros/as. Darei um exemplo. Daniel Jones (2010), professor da Universidade de Buenos Aires, buscou compreender quais hierarquias de gênero pautavam as sexualidades de adolescentes na cidade de Trelew, situada na província argentina de Chubut. Devido à maior influência protestante na região, ocasionada pela vinda dos colonos galeses em meados de 1865 e à presença tardia da Igreja Católica, historicamente se conformou, ali, uma expressiva proporção de agnósticos e ateus.

Os grupos de protestantes estabelecidos em Chubut, por sua vez, não valoravam a condição da virgindade como um símbolo de pureza sexual das mulheres. Jones (2010) observou que, nos relatos, havia uma conotação negativa para designar aquelas jovens que tinham muitos companheiros ou namoros ocasionais, associadas à imagem da “puta”. Por outro lado, inexistia um ideal feminino auspicioso, sintetizado, por exemplo, na figura da “virgem”, resultado da influência católica, tal qual ocorreu em outras regiões⁸, como em Mendoza ou Catamarca.

Mais do que um problema de circunscrição etnográfica e correlação das experiências juvenis, práticas sexuais com a moralidade local, a distância aqui não é apenas físico-geográfica, mas é, também, simbólica e remete ao universo de significantes êmicos que dão sentido às trajetórias. Por exemplo, notei nas entrevistas que os/as interlocutores/as, por vezes, mobilizavam algumas noções para enunciar certas regras de comportamento na interação afetiva e atribuir “status” aos/às parceiros/as. Esses marcos, socialmente organizados pelos pares (BOZON; HEILBORN, 2006), funcionavam como matrizes de inteligibilidade das relações. Dizer que se estava “fi-

⁸ A posição geográfica da cidade no noroeste da Patagônia, relativamente isolada das grandes urbes ao norte – Córdoba e Buenos Aires –, acrescida do processo de secularização dos valores sexuais por meio dos discursos modernizantes da sexualidade – os direitos reprodutivos, a psicologia, a medicina –, recrudesceram o embotamento da efígie representada pela “virgem” de tal modo que não emergiu, posteriormente, uma imagem alternativa relacionada à feminilidade em termos sexuais entre os/as adolescentes de Trelew (JONES, 2010).

cando” com alguém não era o mesmo que *chamuyar*⁹ a uma pretendente; e isso, por seu turno, não era correspondente à prática de “*salir con un chico*”. Isto é, os/as intercambistas empregavam diferentes categorias para situar e dar sentido às suas experiências sexuais em Belo Horizonte.

Se, à primeira vista, essas noções apareciam a mim como simples “vocábulos” desconexos ou formulações idiossincráticas de um/a entrevistado/a, descortinei, por meio de aproximações sucessivas, as gramáticas sexuais e de gênero incutidas por trás dessas categorias. Em uma leitura de meus “descaminhos” de pesquisa, diria que foram necessários ao menos dois aspectos para entrever essas matrizes de inteligibilidade no discurso deles/as: primeiro, reduzir o universo de análise; segundo, falar o idioma dos/as entrevistados/as, tanto em uma acepção linguística, quanto simbólica.

Em outras palavras, quando ainda operava em uma valência empírica abrangente, em tentativas de levar a cabo um estudo comparativo de intercambistas e estudantes da pós-graduação, isso fazia com que eu insuflasse abstrações, nuvens projetivas das quais, aqui e ali, incidiam escassos feixes de luz sobre o contexto etnográfico. Essa lição verdadeiramente antropológica veio a se somar a outro aprendizado prático. As primeiras entrevistas realizadas foram conduzidas em português; porém, à medida que alcançava maior fluência na língua espanhola, decorrente de conversas informais nas observações, passei a fazer as perguntas nesse idioma, e o/a entrevistado/a respondia em espanhol ou português, conforme a sua preferência.

Por intermédio da língua falada, observei que havia dimensões simbólicas no transcorrer dos relatos e, a partir delas, consegui vislumbrar os profícuos dados para reconstruir as trajetórias afetivo-sexuais dos/as intercambistas. Entretanto, em algumas das entrevistas, me dei conta de que, quando dirigia as perguntas em português, por vezes produzia uma espécie de etnocentrismo verbalizado ao transpor certas noções de meu idioma para os meus/as interlocutores/as. Veja, por exemplo, esse trecho da entrevista com Honza:

⁹ Prática afetiva existente nas médias e grandes cidades da Argentina. *Chamuyar* é o ato de manter uma extensa conversa no flerte antes de qualquer contato físico. Os significados do beijo e do olhar diferem do *ficar*, quando se *chamuya* o beijo é transferido para os bastidores e o olhar torna-se um “*juego de miradas*”.



Antônio: nessas festas que você participou, já aconteceu de alguém ficar afim de você ou de você ficar afim de alguém?

Honza: ah entendi... hummm... ficar é transar? Como é que é? Ou *besar*?

Antônio: é você sentir-se interessado, atraído por alguém, ou alguém interessar-se por você, não necessariamente rola de beijar ou transar.

Honza: sim aconteceu já, sim já aconteceu isso. (Honza, entrevista realizada em 1º junho de 2016).

Na pergunta, sem querer, acionei a noção de “ficar”, bastante difundida no vocabulário de jovens brasileiros/as, em geral, das regiões sul e sudeste do país (BOZON; HEILBORN, 2006). No Brasil, os significados e práticas relacionadas ao “ficar” são variáveis e contextuais, conforme apontam alguns trabalhos nessa área (LEAL, 2003; ALMEIDA, 2006). Uma “ficada” pode envolver beijo, relação sexual e, às vezes, é utilizada como estratégia para conquistar a confiança do/a parceiro/a. No diálogo, mesmo que eu tenha perguntado sobre estar a fim de alguém, se sentir interessado, a resposta de Honza sobre outro aspecto, o “ficar”, denunciou que essas duas expressões não tinham o menor sentido para ele. Sobretudo as dúvidas seguintes demonstraram o grau de confusão semântica gerada pela minha pergunta.

Portanto, compreender as categorias e matrizes de inteligibilidade que orientavam as trocas afetivas de estudantes estrangeiros/as em Belo Horizonte exigiu de mim uma contínua “vigilância simbólica”, por assim dizer, para estar apto a ouvir as nuances e as dissonâncias no devir de um relato, de uma entrevista para outra. Ao mesmo tempo, penso que isso não seria possível caso eu não tivesse atenuado o efeito da sinédoque em minhas análises, isto é, se não tivesse registrado as narrativas elaboradas por diferentes sujeitos em um mesmo âmbito relacional e contextual das moradias, o que me permitiu situar etnograficamente as categorias inscritas nos relatos.

No roteiro de entrevista, parte das perguntas era dedicada a recapitular os percursos biográficos, a iniciação sexual, o primeiro namoro e as experiências afetivo-sexuais a partir das sociedades de origem dos/as intercambistas. A reconstrução das trajetórias produzia um trânsito entre o passado e o presente: eles/as faziam certas comparações dos costumes de outrora com aqueles vivenciados aqui; falavam



das “estranhezas” em residir nas moradias. Assim, o próprio roteiro tornara-se para mim um bom índice da qualidade das entrevistas: quanto menos eu recorria a ele, mais me deixava levar pelas categorias que o/a intercambista mencionava. Nessas ocasiões, as perguntas quase sempre surgiam a partir do diálogo. O conteúdo e a ordem dos tópicos do roteiro, amiúde, não seguiam uma consecução linear.

Ao final, posso dizer que as idas e vindas das reminiscências, ao lado dessa aparente desordem discursiva, indicavam, ao contrário, uma função de translação, tanto minha quanto dos/as entrevistados/as: ao rememorar as lamúrias do fim de um namoro, por exemplo, quase sempre havia um plano discursivo de fundo, relativo à sociedade de origem, cujos valores, normas e papéis de gênero não se comunicavam inteiramente com as vivências aqui, repercutindo, a seu modo, uma distância entre o ontem e o hoje, entre a saída da casa dos pais e a vida nas moradias.

A translação podia ser do espanhol para o português ou vice-versa. A relevância da língua não se estancava em regras gramaticais, normas de concordância ou no domínio do vocabulário de um idioma não-nativo, mas sim em exprimir pela fala os pontos de fratura e de interlocução de distintas gramáticas sexuais e de gênero. Apesar da função de translação configurar-se em recurso metodológico recorrente nas “etnografias multi-situadas” (MARCUS, 1995), ela se apresentou, nesta pesquisa, em nível prático e discursivo, tanto para os/as entrevistados/as quanto para mim, ao tentar compreender as diferenças entre o “ficar”, o “*chamuyar*” e o “*salir*”.

Ao vir para um período de estada em Belo Horizonte, o/a intercambista não ignora o que foi socialmente assimilado em seu país de origem; persiste a histerese do *habitus* (BOURDIEU, 2006). Transpor as fronteiras não apaga as disposições produzidas em outro tempo-espaco; pelo contrário, propende a articulá-las (FRANCH, 2010; 2018)¹⁰ aos aprendizados decorrentes do intercâmbio. Mesmo assim, aquilo que é assimilado e a forma como se aprende oscilam conforme cada trajetória.

Se minhas análises não claudicarem por conta de minha pista inicial, estarei inclinado a dizer que os/as intercambistas, ao saírem da casa dos pais e se relacionarem

¹⁰ Conforme Mónica Franch (2010; 2018), categorias como sexualidade, amizade, construção do tempo, lazer e política tendem não a ser isoladas analiticamente pelos/as próprio/as jovens. Numa leitura etnográfica, essas categorias se relacionam, de forma compósita, a partir das práticas e experiências implicadas em cada campo.

em uma trama de interdependências nas moradias, tendem a passar por processos de individualização variáveis. Entretanto, indico que sem a função de translação dos idiomas culturais (MARCUS, 1995), a hipótese da individualização permaneceria estanca em um limiar porvindouro. Decompor os relatos, ouvir aquilo que nem sempre é audível nas vozes e inscrever essas peças-mosaicas em uma totalidade distinta, de modo dialógico, requereu “multi-situar” o campo de análise para além das experiências vivenciadas na moradia.

Entre o antes e o “agora” – um “agora” que já é parte de um passado no exato instante que redijo minhas palavras neste texto – a translação infundiu desencaixes, dissipou a aparente lisura de certas colocações:

This function is enhanced since it is no longer practiced in the primary, dualistic “them-us” frame of conventional ethnography but requires considerably more nuancing and shading as the practice of translation connects the several sites that the research explores along unexpected and even dissonant fractures of social location. Indeed, the persuasiveness of the broader field that any such ethnography maps and constructs is in its capacity to make connections through translations and tracing among distinctive discourses from site to site. (MARCUS, 1995, p. 100-101)¹¹.

Com intuito de evidenciar as zonas de sobreamento de uma entrevista para a outra, os desencontros e as translações de sentido nas vozes dos/as intercambistas, não traduzi os trechos das transcrições citadas. Os excertos serão mantidos assim, na sua inteireza, em construções fráscas que, por vezes, mobilizam vocábulos do português e do espanhol, sem decidir-se por um ou outro. Essa *liminaridade* linguística expressa, em parte, a imbricação das categorias legadas e/ou recentemente apreendidas, exibindo as diversas formas de pôr em palavras, verbalizar certos processos de individualização vivenciados pelos/as estudantes. Se, de um lado, pode-se vislumbrar a descontinuidade de referências, oscilando entre o passado e o presente, por outro, entendo que as entrevistas detêm uma especificidade que me impede de classificá-las simplesmente como “biográficas”, “individuais”, pois, ao fazê-las, observei certos costumes.

¹¹ “Esta função é aprimorada, já que não é mais praticada no quadro primário e dualista do ‘nós-eles’ da etnografia convencional, mas requer consideravelmente mais nuance e sobreamento, já que a prática da tradução conecta os vários lugares que a pesquisa explora ao longo de fraturas inesperadas e mesmo dissonantes da localização social. De fato, a capacidade de persuasão do trabalhador de campo que uma tal etnografia mapeia e constrói está em sua capacidade de fazer conexões através de traduções e traçados entre discursos distintivos de um local para outro”. (MARCUS, 1995, p. 100-101, tradução nossa).



Enquanto os ouvidos se atentavam para aquele/a que tinha algo a me contar, eu mirava as pessoas que adentravam as quitinetes, os/as transeuntes das praças das moradias; sentia o odor e degustava o mate oferecido pelos/as entrevistados/as; entrevia a maneira como eles/as dispunham os objetos na antessala das quitinetes. Ao transcrever os relatos, percebi que escutei, nas gravações, não apenas uma voz singular, mas umas tantas outras, cumprimentos desavisados, convites para jantares, balbucios, ranger de portas, som de instrumentos e músicas do alto dos blocos. Prefiro tomar isso não como interrupções e sim como interlocuções, trespassadas por vínculos sociais mais amplos, uma trama de interdependências (ELIAS, 1994), cujas capilaridades se distendem e se fazem notar nos áudios e nos registros do diário de campo.

A partir das considerações de Claudia Fonseca (1999), como situar essas tais entrevistas?

O que acontece, então, quando o estudante dispensa a observação participante junto ao grupo social? Emprega, ao invés, uma técnica cortada do “fluxo contínuo da vida cotidiana” — a entrevista, preferivelmente num lugar isolado e com um só informante a cada vez? Como, nessas condições, pode-se esperar captar a dimensão social da emoção? Neste tipo de pesquisa, o peso todo está no discurso verbal do entrevistado. Não vemos assim as inevitáveis (e nada repreensíveis) discrepâncias entre discurso e prática. Perguntando “o que você faz” ou “o que você acha”, recebemos respostas interessantes, que refletem uma dimensão idealizada da sociedade. (FONSECA, 1999, p. 63).

As entrevistas que realizei realmente fluíram nessa concepção atômica, em que o cingir das mônodas é, quando muito, uma fusão entre duas subjetividades, a do pesquisador e do/a entrevistado/a? Elas descambaram na produção de um discurso umbrático da vida durante o intercâmbio? Eu diria que elas, ao invés, se desenrolaram em um liame entre a observação etnográfica e a entrevista individual. Isto, por duas razões.

Em primeiro lugar, para analisar as transcrições, fiz uso de uma “Ficha Biográfica”, na qual se decompunham os relatos em quatro colunas: as duas primeiras classificavam os eventos entre biográficos ou conjunturais, com inscrições em outras duas entradas verticais para assinalar a idade do/a respondente e o ano daqueles eventos. Ao preenchê-las, quase nunca conseguia apontar para todas as ocorrências

biográficas e suas correspondentes conjunturais em um mesmo intervalo de tempo, principalmente, quando elas eram datadas antes da vinda dos/as intercambistas para Belo Horizonte. Estabelecer relações entre as biografias e as conjunções socialmente produzidas era uma tarefa menos hercúlea, quando elas aludiam à vida afetivo-sexual no decurso do intercâmbio. O respaldo das observações etnográficas em recriar a atmosfera social daquelas experiências explica, em parte, esse processo, que não decorria apenas por deslizes mnemônicos dos/as respondentes.

Em segundo lugar, a inclusão dos eventos conjunturais se relacionava com um segundo e até com um terceiro aspecto: ao coletar relatos de sujeitos em um mesmo espaço social, registrei diferentes versões de um mesmo fenômeno e/ou de episódios pontuais – discursos que ora se complementavam, ora se contradiziam em suas tessituras contextuais, de tal forma que isto produziu um “jogo de espelhos” sobre as moradias. Como se verá adiante, apesar de as diferentes narrativas trazerem em seu bojo trajetórias sociais, experiências e aprendizados diversos, elas estão, de alguma maneira, entrecruzadas, situadas nos meandros da interdependência (ELIAS, 1994) e da individualização (VELHO, 1987).

Na seção seguinte, os relatos sobre a construção social do tempo no intercâmbio asseveram isso, pois os/as entrevistados/as recorrem a distintas metáforas para descrever uma temporalidade que é simultaneamente coletiva e idiossincrática.

“É UM TEMPO ESTRANHO”: CONSTRUÇÃO SOCIAL DO TEMPO NO INTERCÂMBIO

Yo siento que mi vida en Brasil es como una moneda lanzada al aire y solo voy a saber de qué lado va a caer cuando yo vuelva. (Celeste, Diário de campo, 10 de julho de 2016).

O tempo dos relatos não pode ser inteiramente mensurado pelos ponteiros do relógio ou pelas linhas numéricas de um calendário. É um tempo específico que irradia neste quadro de referência: é por vezes expresso pelo uso de relógios de bolso, cronômetros, horários institucionais, e por vezes pela secção e estipulação das atividades ao longo de intervalos precisos. Esses não são processos naturais. O próprio surgimento dos relógios responde a uma demanda social e historicamente fundada:



deu-se quando mulheres e homens consideraram imprecisos por demais os meios de mensurar o tempo para as finalidades que lhes cabiam (ELIAS, 1998).

Os instrumentos de medição temporal só foram elevados à condição de padrão de medida e quadro de referência para precisar outros processos a partir do exato instante em que os indivíduos se viram imersos nessas exigências socialmente orquestradas. A propósito, Simmel (2005) descreve o caos inextricável sob o qual, no primeiro quartel do século XX, a cidade de Berlim recairia caso acordos, combinações e interesses diferenciados não fossem controlados por um esquema temporal fixo:

Se repentinamente todos os relógios de Berlim andassem em direções variadas, mesmo que apenas no intervalo de uma hora, toda a sua vida e tráfego econômicos, e não só, seriam perturbados por longo tempo. A isto se acresce, de modo aparentemente ainda mais exterior, a grandeza das distâncias, que torna toda espera e viagem perdida, uma perda de tempo insuportável. Assim, a técnica da vida na cidade grande não é concebível sem que todas as atividades e relações mútuas tenham sido ordenadas em um esquema temporal fixo e suprasubjetivo [sic]. (SIMMEL, 2005, p. 580).

Nesse sentido, a partir do relato abaixo, seria possível conjecturar o tempo de modo suprasubjetivo?

Sabina: eu acho que eu aprendi mais de a primeira vez nos Estados Unidos que o tempo acontece muito rápido, então é por isso que eu vim aqui, com essa ideia de que tudo acontece rápido, então que temos que aproveitar todo tempo, cada segundo, é por isso que eu dormi tão pouco ao início porque eu não queria deixar de fazer nada. Como que desde que eu acordava até [...] "Vamos pra cá? Vamos"; "Vamos a fazer isso? Vamos"; "Vamos a fazer outro? Vamos", ficar, conversar com as pessoas, como que seis meses é muito pouco, então tem que aproveitar tudo pra conhecer mais pessoas.

Antônio: como você aprendeu isso nos Estados Unidos?

Sabina: eu acho que eu aprendi isso lá, porque quando passaram os quatro meses, eu falei: "oh, quatro meses já aconteceram". Eu gostaria de ter feito mais coisas lá, como que eu fiz coisas, mas poderia ter feito mais ainda, então é por isso que aqui tentei aproveitar tudo, tudo, tudo, ir nas festas, não dormir muito, não ficar no computador, não olhar Facebook, deixar celular. (Sabina, entrevista realizada em 25 de junho de 2016).

A entrevista de Sabina desmonta em parte a interpretação de Simmel (2005). A estadia nos Estados Unidos a fez perceber que o tempo passa rápido durante o intercâmbio. Quando veio ao Brasil, munida dessa "aprendizagem temporal", se entreteceu em tantas atividades, esteve em festas, fez viagens, não dormiu o suficien-

te, tudo para aproveitar cada segundo da experiência de sair de seu país de origem. Então, a perspectiva de Simmel (2005) sobre um esquema temporal fixo, próprio da vida metropolitana, aplica-se parcialmente à trajetória de Sabina. De certa maneira, mais no Brasil do que antes, ela fez o seu “tempo”, distribuiu as atividades, aceitou convites, permaneceu menos horas na internet para desfrutar de vivências coletivas. Vejamos a flexão do verbo: “vamos a fazer isso? Vamos!”.

Em outro trecho, ela reconhece que fazer o intercâmbio é um lapso limiar na própria vida, aciona a metáfora da “*burbuja*” para demonstrar isto:

Sabina: estou numa situação de minha vida que eu entendo como uma *burbuja*, como um parêntese em minha, em parênteses em minha vida normal, eu sei que esta não é minha vida, eu sei que vou voltar pra [...] vou voltar à faculdade de lá, então que é por isso que aqui é tudo mais intenso. Em tudo, em faço *amistades*, ou seja, eu tenho, eu aqui um faz amigos que eu sei que vão durar pra toda vida, pra vida toda, e que eu só conheço a quatro meses, e eu sei que são amigos que vão durar pra sempre.

Antônio: como assim uma “*burbuja*”?

Sabina: que isso, como que não é minha vida normal, cotidiana. Eu sei que lá eu trabalho todos os dias, vou pra faculdade, estudo sempre, só aos finais de semana, e não sempre porque estudo muito também aos finais de semana, é muito mais tranquilo, tenho menos liberdade, e aqui é como que faça o que você quiser, não estude muito. É algo que conheço pessoas que estão vivendo o mesmo que eu, então eu sei que elas também vão embora. Então é algo que acontece num lugar, num tempo e num espaço e que depois em mês, em duas semanas *más*, já esto vai ser diferente. (Sabina, entrevista realizada em 25 de junho de 2016).

Sabina descreve o intercâmbio por três predicados. Primeiro, compara a vida de intercambista com a de antes, e ressalta aí uma distância, uma diferença: as experiências em Belo Horizonte não desembocam em um vácuo temporal, mas estão “entre parênteses” em comparação com a sua vida “normal” em seu país de origem. Lá, ela diz estudar mais, tecer uma rotina e “ter menos liberdade”. Segundo: Sabina refere-se à intensidade das relações de amizade feitas aqui, assegurando que elas perdurariam para além do intercâmbio. Terceiro: os dois predicados precedentes estão imbuídos por uma lógica temporal distinta, e a intercambista remete à metáfora da “*burbuja*”, que em português significa “bolha”, e dos “parênteses” para ilustrar isso. Veja como ela pontua e finaliza o nosso tópico de conversa: “isso é muito intenso, morar em outro país *lejos* de sua família [...] é como um evento na vida. É um tempo estranho”.

De modo similar, Tereza introduz elementos comparáveis à entrevista de Sabina. Lá pelas tantas, Tereza afirma que “*el intercambio es una especie de fiesta*”. Aproveitando o ensejo, questionei sobre isso. Acompanhemos o desenrolar da conversa:

Antônio: ¿*el intercambio, por lo general, es una especie de fiesta?*

Tereza: *yo creo que el intercambio no es la vida real, yo creo que el intercambio así estar conociendo gente, gente nueva todo el tiempo, organiza muchas cosas, bueno en general [...] entonces no es la vida real vos tienes tu rutina, ya tienes tus amigos, ya tienes tus estudios.*

Antônio: ¿*por que tú crees que aquí no es la vida real?*

Tereza: *porque de hecho no la es, por eso porque siempre, porque en la vida real [...] a ver, a vida real ¿en qué sentido? [...]. No es la vida la que estas acostumbrado tener en tu país, en tu ciudad con tu grupo de amigos, con todo lo que ya conoces con tu rutina. Acá venis esto es nuevo, todas las personas nuevas, conoce todo tiempo gente nueva, no sabes el idioma. Y fiesta, fiesta, fiesta, es porque que yo le digo que no es la vida real, o sea, bueno por eso más o menos lo pienso porque son situaciones que en tu lugar de siempre no las tienes. (Tereza, entrevista realizada em 20 de junho de 2016).*

Novamente, aqui, Tereza atribui uma distância à sua vida de outrora. Considere as experiências daqui para gerar esse desdobramento e cita alguns aspectos inteiramente novos a ela: apreender um idioma, conhecer pessoas cotidianamente e participar de várias festas. O que Sabina interpreta pela metáfora da “*burbuja*” aparece para Tereza em outro invólucro conclusivo: “*entonces, la vida no es real*”. Observe-se que, nas duas entrevistas, aponta-se para um intervalo temporal hodierno, diferente da vida cotidiana nas cidades de proveniência, em que práticas, cotidiano e a própria existência se veem atravessados por novos eventos, mais ou menos esperados – mais inusitados para uns/umas do que para outros/as. Marie-Claude, por sua vez, se afasta, em certo sentido, desses relatos, mas maneja recursos figurativos similares, dispondo-os em contexto díspar:

Marie-Claude: como que agora comecei a sentir como uma, como se diz, *burbuja*?

Antônio: uma bolha?

Marie-Claude: uma bolha, como que aqui é outra vida, outro tipo de vida que não sei como fala, como que eu não conheci bem Brasil, eu não sei como são as pessoas na realidade, porque aqui até os moradores estão nisso [...] numa *burbuja*.

Antônio: por que você acha que é isso?



Marie-Claude: porque a vida não é assim, não é a moradia. Na vida você não sai de seu apartamento e fica num lugar com pessoas, assim tipo conhecendo outro mundo, fumando um *beck*. Não, não é a vida assim. A vida tem mais [...] problemas. Se você fica, como que você não se sinta a pensar o que você quer da sua vida. Como que você pensa “ah, nossa, *ojalá, ojalá* a vida seja sempre *así*, sempre seja uma moradia”. Como que te fecham muito pra, pra [...] na vida real. Tem muitas pessoas que estão fazendo seu curso, mas se você fala com eles, eles tampouco vão pra outros lugares. A festa é só aqui, sempre ficam aqui, querem fumar um *beck*, ficam aqui, querem caminhar também vão pra lagoa e voltam aqui. (Marie-Claude, entrevista realizada em 11 de junho de 2016).

Marie-Claude, mais do que Sabina e Tereza, assinala a moradia enquanto palco em que a vida se desenrola. Menciona alguns episódios da rotina, as idas à praça para fumar “um *beck*”, as festas, as poucas saídas à Lagoa da Pampulha, e aproxima a sua experiência de intercâmbio com a vida dos/as demais moradores/as. A *burbuja*, nesse contexto, não é “um evento da vida” posto entre parênteses como para Sabina, ou um lapso irreal que, tão logo retorne ao país de origem, será concluído por sua realidade prática. Referenciada no cotidiano, tal como verbaliza Tereza, a *burbuja* corresponde, ao contrário, à própria vida de Marie-Claude em Belo Horizonte.

Ela se questiona ainda se realmente conheceu o Brasil porque espelha a irrealidade da vida no intercâmbio no universo social onde ele ocorreu; entre as saídas do seu apartamento, as festas, e quase sempre na presença dos/as moradores/as. O cotidiano da moradia define em grande parte a existência social de Marie-Claude. Não é por acaso que ela se sente atada aos/as demais residentes, afinal eles/as também compõem a “*burbuja*” metaforizada no seu discurso: “como que te fecham muito pra, pra [...] na vida real”.

Alguns/algumas entrevistados/as, além de comparar a vida antes do intercâmbio com a depois dele, também exemplificam como essa construção social do tempo repercute nas relações tecidas em Belo Horizonte. Semelhante à Sabina, Klara relata como a questão do tempo afeta a sua confiança ao fazer amizades:

Klara: *la cuestión del tiempo es más rápida, es porque por ejemplo tal vez allá no habría establecido una confianza tan rápido con alguna persona porque tiene más tiempo de conocerla o realmente si tiene más tiempo, pero como que rápidamente o tienes confianza o te caen bien o no te caen tan bien porque es como pasa más rápido pero es básicamente igual.* (Klara, entrevista realizada em 19 de maio de 2016).



Sabina relatara que em quatro meses fez amizades para a vida toda. Klara descreve algo novo: como o tempo influi na tessitura das relações, não só quando já se conhece uma pessoa e nutre-se um vínculo mais estreito com ela, mas também naquele período preliminar, no qual ainda não se considera uma dada pessoa como amiga. Para Klara, o tempo do intercâmbio acelera este estágio: "*o te caen bien o no te caen tan bien porque es como pasa más rápido*". Sabina faz considerações próximas às de Klara, mas, desta vez, referindo-se às trocas afetivo-sexuais no intercâmbio:

Sabina: o que acontece aqui [...] é que é todo muito mais intenso [...] Por exemplo, com esse menino eu gosto muito dele, e como que acontece tudo mais rápido do que aconteceria lá, se eu lá ficaria com um menino eu vejo o menino uma vez por semana, bom, aos sábados, às sextas, os sábados à noite, não todos os dias como aqui acontece. Então como que eso é tudo mais intenso, como que as coisas que lá aconteceriam em cinco, seis meses aqui acontece em três semanas. Acontece tudo. (Sabina, entrevista realizada em 25 de junho de 2016).

Percebamos a maneira como Sabina coteja a dimensão temporal dos relacionamentos. Ela toma como padrão de medida as relações afetivas antes do intercâmbio. Com efeito, esse padrão designa a sua própria vida afetivo-sexual para orientar temporalmente as mudanças, erigindo como referência um *continuum* reconhecido socialmente e padronizado, isto é, o devir numérico de um calendário. Veja: "as coisas que lá aconteceriam em cinco, seis meses aqui acontece em três semanas". O "lá" indica a sucessão de ocorrências na vida de Sabina dantes. Ao fazer isso, ela constitui a si mesma como quadro de referência para mensurar as alterações relativas a outros processos (ELIAS, 1998) a partir do intercâmbio, quais sejam, os vínculos de amizade feitos ao longo de quatro meses e as relações afetivas de três semanas.

Segundo Elias (1998), as relações temporais se articulam no bojo de distintos conjuntos diacrônicos: os sujeitos estabelecem relações com outros; estes formam um dado grupo que, ao fim, desempenha o papel de conjunto padrão e um quadro de referência para as continuidades evolutivas de outros processos. Há também circunstâncias em que um único indivíduo do grupo elege a si mesmo como padrão de medida, ou seja, o desenrolar de sua própria vida, desde o nascimento até a morte, serve de quadro de referência para medir a duração de uns tantos processos. Pela concepção de Elias, a construção do quadro de referência a partir de uma biografia só é possível com a emergência de certa noção de individualidade:



[...] esta possibilidade de fazer o desenrolar da própria vida desempenhar esse papel de continuum padronizado só existe em sociedades altamente industrializadas. Nessas sociedades, cada pessoa se distingue de todas as demais não apenas naquilo que tem de único, mas também por ser capaz de determinar com precisão a sucessão temporal dos acontecimentos de sua própria vida, em referência a um outro continuum padronizado e socialmente reconhecido, como a sucessão dos anos do calendário, por exemplo. (ELIAS, 1998, p. 40).

Assim compreende-se o desfecho da fala de Sabina para se referir ao tempo do intercâmbio: “é como um evento na vida. É um tempo estranho”. Segundo Mônica Franch (2018), em contextos marcados pela incerteza, com poucos referentes coletivos para indicar horizontes, ou em que se espera algo da trajetória de alguém, como é o caso do intercâmbio, o ritmo do tempo, as continuidades e as rupturas apresentam uma “alteridade temporal” que lhe é própria, menos dada em termos de fixações num calendário, do que aberta a cadências êmicas.

Sabina compreende o intercâmbio como uma etapa de sua vida, encadeada em uma cronologia que é, sobretudo, biográfica. Por outro lado, ela confessa que os/as outros/as intercambistas passaram por processos similares ao dela: “eu acho que todos achamos a mesma coisa”. De forma variável e elencando o repertório heterogêneo de palavras, frases e figuras de linguagem, Klara, Tereza, Sabina e Marie-Claude apresentam narrativas sobre o tempo, em algum grau, convergentes. As quatro entrevistadas partem do liame existencial imbuído nas suas próprias biografias para ilustrar os episódios *a posteriori* e, simultaneamente, colorem uma pintura a óleo, na qual se entrevê um fundo social e diacrônico comum.

As metáforas empregadas para dar sentido e significado a esse tempo do intercâmbio são exímios indicadores dessa paisagem de fundo da pintura. Entremeadas por “*burbujas*”, as vidas estão suspensas pelas fímbrias de irrealidade – se comparadas às rotinas de outrora. É por esses vestígios semânticos que o tempo se mostra para nós, meros/as espectadores/as de uma lógica temporal distinta: uma construção social do tempo, que apenas podemos averiguar pelos relatos, mas não vivê-la na sua plenitude com as intercambistas.

Mesmo inseridas nesse escopo das temporalidades, as entrevistadas sugerem indícios por vezes banais de processos de individualização desencadeados pelo inter-

câmbio. Tereza alude à aprendizagem de um idioma novo; Sabina reporta que na casa dos pais tinha “menos liberdade”; Klara, de certa forma, ressignifica os sentidos de confiar em alguém através do intercâmbio.

Independentemente de a hipótese de Elias (1998) quanto à relação entre os processos de individualização e a leitura temporal dos acontecimentos em um prisma biográfico ser ou não válida para o grupo de estudantes em intercâmbio entrevistado por mim; ou se suas cidades de proveniência no Chile, na Argentina e no Paraguai são sociedades altamente industrializadas ou não, tal qual teoriza o sociólogo alemão; o ponto é que as narrativas adensaram a hipótese da individualização entre eles/as.

Ao que parece, as metáforas para aludir a um tempo que é outro – no mínimo, diferente daquele das sociedades de origem –, se articulam com a maneira como o intercâmbio, e, por consequência, os seus personagens fulcrais são simbolizados. Isto é, se as narrativas indicam que as vidas transcorrem num liame temporal distinto, algo correlato se passa com a “construção da pessoa” nesse tempo e espaço diversos.

CONSTRUÇÃO DA PESSOA

Em uma perspectiva antropológica, tais transformações, inclinadas a maior ou menor individualização, podem ser interpretadas a partir da “construção da pessoa”. O intercâmbio produz uma espécie de brecha existencial que permite abrir para certas experiências e desfazer de outras. O/a intercambista, ao mesmo tempo em que afeta o desenrolar das trocas sociais, é atravessado/a pela trama de relações que tece a partir da chegada em Belo Horizonte. Em vários trechos das entrevistas, o intercâmbio encerrava uma premissa: constitui uma ocasião fecunda para “*abrir la mente*” e “*ser una persona desconstruída*”.

Durante a estada aqui, os/as estudantes se lançaram em experiências afetivo-sexuais e, nesse processo nada linear de aprendizados, estranhamentos, idas e vindas, eles/as conformaram outros sentidos e significados de vivenciar as sexualidades. No Brasil, Sabina aprendeu a se relacionar de uma nova maneira, sem necessariamente manter uma ligação afetiva com os garotos:



Sabina: só este último ano eu tive que começar a abrir minha cabeça, conhecer outros meninos, que talvez um menino não é um menino só pra que seja meu namorado. Como que eu estou acostumada a estar com, a ter relações só com meus *enamorados* que eu conheci há muito tempo. Aqui não é tudo assim mais, mais informal [...] não tão formal. (Sabina, entrevista realizada em 25 de junho de 2016).

Para Sabina, as relações com os garotos implicaram se desfazer de costumes ditos amorosos e “abrir a cabeça” para encontros “não tão formais”. Com efeito, ela jogava com a sua própria subjetividade, e seu “eu” era, de alguma maneira, transformado por meio desses encontros e relações. Sabina não era a mesma “pessoa” antes e após o intercâmbio.

Consoante Goldman (1999), a noção de pessoa não é uma categoria do pensamento antropológico unívoca. Ligado à Escola Francesa de Sociologia, foi Marcel Mauss (2003b [1938]) que discorreu de forma detida sobre o conceito em um artigo de 1938. Pela interpretação de Goldman (1999), a concepção de pessoa maussiana oscila em dois polos: um evolutivo, em que a passagem à pessoa moderna é quase linear; e outro relativista, uma vez que Mauss postula a variação de representações sociais acerca do sujeito humano.

Uma segunda abordagem antropológica sobre o tema repousa na distinção de Radcliffe-Brown entre indivíduo e pessoa: os caracteres biológicos constituintes do “indivíduo” vêm a se somar às posições do montante de “indivíduos” na “estrutura social”. Ou seja, para Radcliffe-Brown, o indivíduo se torna pessoa quando se entretence numa trama de relações sociais (GOLDMAN, 1999).

Louis Dumont (1992), por sua vez, contrasta a noção de pessoa moderna com a construção “holista” de sujeito. Nas cosmologias tradicionais, o ser depende das relações sociais de seu entorno para adquirir um estatuto moral; isto é, à medida que ele se torna membro de um coletivo, pode perceber a si mesmo enquanto ente social completo, compassado em relação às partes. Na transição para as sociedades modernas, o estatuto moral do sujeito tendeu a ser equiparado à sua existência empírica, de tal modo que o indivíduo antecede e se sobrepõe ontologicamente à sociedade; ou seja, as partes são mais relevantes que o todo nessa concepção (DUMONT, 1992; NERY, 1998).



Apesar da contraposição entre os polos holista-individualista, não se deve concebê-los de forma autoexcludente, quer dizer, como se a torção do holismo só se realizasse pelo apagamento das relações sociais na construção do indivíduo, marcando a passagem e justaposição da parte sob o todo. A julgar pelas noções de englobamento e inversão hierárquica em Dumont (1985)¹², as polaridades pessoa/indivíduo, mesmo no contexto moderno, coexistem em situações limiares e bidimensionais, de maneira a haver, entre os polos, dinâmicas transformativas e palimpsésticas. Nesse sentido, não se fala em uma caminhada unidirecional das sociedades ocidentais rumo ao individualismo. Não há um único tipo de individualismo em Dumont (MALUF, 2013), e as individualidades são situadas relacionalmente; ademais, os vínculos não são os mesmos em toda parte.

Diante disso, colocamo-nos as perguntas: a noção moderna de pessoa em Dumont pode ser apreendida dos relatos dos/as intercambistas? Se sim, como eles/as se tornaram mais “indivíduos”?

Para Franz e Tomas, o intercâmbio trouxe um elemento inaudito e complexificante: no Brasil, eles podiam se colocar de uma maneira inteiramente nova ao estabelecer nexos sociais, sem o receio de se apresentarem como gays ante as pessoas. A mobilidade estudantil lhes propiciou abrir o referente ontológico do “eu”; ou seja, ao navegar em um contexto de vínculos novos, eles podiam se reconhecer de modo diverso por meio dessas relações, que lhes davam a liberdade de se expor de maneiras dissímeis. Eis o que eles narram:

Tomas: *acá yo no conocía a nadie, eso me permitia como también inventarme a mí mismo de otra forma como si yo quisiese sin tener ningún miedo de decir así “qué va pensar tal de mí, que ya me conoce”, sin ese prejuicio, como más libremente y también por la gente que conocí en Brasil.* (Tomas, entrevista realizada em 21 de junho de 2016).

Franz: *yo estaba seguro que salir del país, ir a otro lugar, iba a ayudarme mucho a ser más crítico, a romper un montón de estructuras que colocaron en mi cabeza y nada, ser una persona más abierta, ser una persona mejor* (grifos meus). (Franz, entrevista realizada em 16 de junho de 2016).

¹² Entre o individualismo e holismo, o polo moderno (antropologia) e não moderno (sociedade observada), não existe simetria entre os domínios, mas o valor afirmado, além de constituir a si mesmo no ato de assunção, faz sublimar o seu contrário na construção englobante. É mediante a inversão hierárquica e o englobamento que a mão esquerda ainda subsiste na dominância do uso da mão direita, mas de forma assimétrica e subsumida em relação a ela (mão direita). Até porque para se constituir enquanto direita, a simetria de direção é fundamental; contudo, a classificação binária e descontextualização dos referentes faz com que um domínio coexista no seu contrário, ainda que de maneira subordinada (DUMONT, 1985; MALUF, 2013).



Sair do país de origem significava ausentar-se por algum tempo das relações tecidas ali, desprender-se do que elas representavam e de como repercutiam na vida de outrora. Tanto Tomas e Franz, quanto Sabina podiam se aventurar a construir outra concepção de si mesmos.

Nas moradias da UFMG, essa suspensão e a problematização dos referentes ontológicos, ao lado da produção de uma ideia de tempo disruptiva, se traduziam também nos usos sociais do espaço. Era bastante comum as pessoas em intercâmbio deixarem as portas de suas quitinetes abertas quase o dia todo. Os/as demais moradores/as adentravam, levavam e traziam alimentos, roupas e colchões num círculo de reciprocidade. Paradoxalmente, a abertura ontológica expressa na disposição das portas desatou no seu reverso, tornando os/as intercambistas mais individualizados/as.

Nos meandros de uma antinomia entre englobamento e atomização, desindividualização e a produção de um novo sujeito, esses/as estudantes colocaram para circular favores, forjaram vínculos, e, simultaneamente, jogaram com seu “eu”, o transformando por meio das relações. Essa aventura de individualização além-fronteiras, ao invés de engolfar os/as intercambistas em mônadas sem janelas, os/as lançou rumo à verificação de assunções e de aprendizados de outrora, à formação de gostos pessoais e ao bosquejo de novas maneiras de se relacionar afetivo-sexualmente.

Para esses/as estudantes, a migração de curto prazo correspondeu ao um “fato social total”, nos termos de Mauss (SAYAD, 1998), pois imbricou não só afetos e sexualidades, mas também trouxe à baila tempo, espaço, objetos (dentre eles, colchões e chaves em meio a trocas de dádivas) e até mesmo individualidades, que por sua vez foram revistas e ressignificadas no decurso da estadia.

Se o projeto de “*ser una persona más abierta*”, abrir a mente, desconstruir a si mesmo, estava vaticinado desde antes da vinda a Belo Horizonte, com o devir do tempo, a ranhura existencial decorrente do intercâmbio cedeu lugar a um relativo fechamento. Mais ou menos individualizados/as, alguns/as intercambistas se deram motivos para deixar as portas entreabertas e, quem sabe, fechá-las, exprimindo assim os seus limites nas trocas sociais e afetivas.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de. Zoar e ficar: novos termos da sociabilidade jovem. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**. Porto, Portugal: Celta Editora, 2006.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006.
- DIAS, Mônica. A pesquisa tem “mironga”: notas etnográficas sobre o fazer etnográfico. In: BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Entre saias-justas e jogos de cintura: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente**. Porto Alegre: EDUNISC, 2006.
- DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DUMONT, Louis. **Homo hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações**. São Paulo: Ed. USP, 1992.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, n. 13, p. 155-161, 2005.
- FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 10, p. 58-78, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- FRANCH, Mónica. Amigas, colegas e “falsas amigas”. Amizade e sexualidade entre mulheres jovens de grupos populares. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, n. 4, p. 28-52, 2010.
- FRANCH, Mónica. De tempos em tempos: reflexões sobre a categoria tempo nos estudos sobre juventudes. **Revista Tomo**, n. 32, p. 99-128, 2018.
- GASPAR-NETO, Verlan Valle. **Na pegação: encontros homoeróticos masculinos em Juiz de Fora**. Niterói: Ed. UFF, 2014.
- GOLDMAN, Marcio. Uma categoria do pensamento antropológico: a noção de pessoa. In: GOLDMAN, Marcio. **Alguma antropologia**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.
- JONES, Daniel. **Sexualidades adolescentes: amor, prazer y control en la Argentina**



contemporânea. Buenos Aires: CLACSO, 2010.

LEAL, Andrea Fachel. **Uma antropologia da experiência amorosa**: estudo das representações sociais da sexualidade. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Ed. USP, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MALUF, Sônia Weidner. Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação. **Campos**, v. 14, n. 1 e 2, p. 131-158, 2013.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003a. p. 183-314.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003b [1938]. p. 367-398.

NERY, Paulo Roberto Albieri. **Viagem, passeio, turismo**: estudo comparado do deslocamento como valor. Tese (Doutorado em Antropologia). Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, n. 25, p. 99-111, 2008.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política” del sexo. **Nueva Antropología**, v. 8, n. 30, p. 95-145, 1986.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração e os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Ed. USP, 1998.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. **Mana**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

Recebido em: 05/07/2019.

Aceito para publicação em: 16/06/2020.

